

Bachelard, a política e o marxismo recepção na França e no Brasil

Jean Libis – Association des Amis de Gaston Bachelard – França.

Entrevista realizada por Alex Galeno

Apresentação Ana Laudelina Ferreira Gomes

Traduzido por Phillippe Roger Gabriel

No Colóquio Internacional “*Gaston Bachelard: razão e imaginação*”¹, o poeta e escritor Jean Libis apresentou o trabalho “*La vacance de l'espace politique dans l'oeuvre de Gaston Bachelard*”, que instigou a realização dessa entrevista feita por correspondência eletrônica. Naquele colóquio, Libis abriu sua fala aludindo à observação de Michel Maffesoli quanto ao silêncio da obra bachelardiana sobre a política e os políticos. O escritor não concorda com Maffesoli, pois acredita que é possível ver uma dimensão política (utópica) na obra epistemológica de Bachelard, especificamente em sua tese de que a sociedade deve ser feita para a escola e não o contrário. Para Bachelard, diz Libis, a ciência tem exigências morais, mas também éticas; e ele queria transformar a escola e a racionalização em elementos de política. Com sua máxima “É no devaneio que somos seres livres”, Bachelard teria desencadeado raios e trovões na França, nos conta Libis. Até hoje, é mais lido na Itália, na Romênia, no Brasil, que na França. De 1945 a 1950, Bachelard teria se nutrido de conceitos marxistas, mas não aderiu aos grandes otimismo totalitários do século XX.

Alex Galeno (A. G.): Como você compreende a questão do poder em Gaston Bachelard?

Jean Libis (J. L.): A questão do poder – e particularmente aquela do poder político – é precisamente

quase ausente dos escritos de Bachelard. Há, além disso, outros silêncios nessa obra que aparece, por conseguinte, como essencialmente aberta e talvez inacabada. Ela é o contrário de um sistema, e escapa assim ao pecado do dogmatismo. Como homem, Bachelard não é indiferente à realidade política. Como filósofo, ele desconfia do poder, mas ele não cai também na armadilha que consistiria em elaborar uma teoria do poder. Ele foi, às vezes, firmemente criticado por isso! A questão política não entra no seu campo de investigação. E se, na parte epistemológica de seu trabalho, se poderia, voluntariamente ou não, tentar articular o plano científico sobre o plano socio-político, em contrapartida, em relação à poética, essa articulação não existe. O devaneio poético é correlativo a uma solidão assumida.

A. G.: Na sua opinião, quem habitaria a “Cidade Científica” bachelardiana?

J. L.: Ninguém, porque ela não é habitável. O autor, ele mesmo, diz que ela fica à margem da sociedade real e fora da psicologia. Ela representa um esquema, um ideal racionalista e, talvez, por que não, uma utopia que se remete à cidade platônica. Caso se quisesse absolutamente dar um conteúdo a essa perspectiva da cidade científica, poder-se-ia pensar na Universidade, como ela é definida pelo filósofo alemão Karl Jaspers: um lugar onde a exigência da verdade e da cultura é totalmente prioritária. Porém, além disso, o racionalismo é difícil em Bachelard: ele requer a vigilância intelectual de si, um perpétuo esforço de purificação, uma psicanálise interminável do

¹ Realizado em setembro de 2003 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, coordenado pela Profa. Dra. Marly Bulcão, do Dep. de Filosofia e Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UERJ.

conhecimento objetivo. A “Cidade Científica” é então elitária, senão elitista. Enfim, mora-se somente na casa onírica se essa fica num outro plano: é necessário uma adega, um porão, escadas, armários. Isto não depende mais da cidade das ciências!

A. G.: Qual é a importância da obra de Marx para Bachelard?

J. L.: É uma questão importante que poderia e deveria se fazer objeto de uma investigação futura. Não se esqueça de que Bachelard é fundamentalmente materialista, embora este termo se torne de grande complexidade para ele, e que as últimas obras parecem mais próximas de Jung e de Novalis, que de Karl Marx. Apesar disso, é claro que Bachelard parece, às vezes, próximo de certas teses marxianas, particularmente na “*Terra e os Devaneios da Vontade*” e nas três grandes obras epistemológicas dos anos 50. Marx é citado várias vezes, e as idéias do trabalho, da resistência da matéria, da modificação do sujeito na confrontação com a natureza podem constituir zonas de encontro com o pensamento de Marx. Todavia, se existe um período onde se pode verossimilmente estar dependente de certa influência de Marx, de certa dimensão marxiana de sua obra, em contrapartida, não se pode falar de um marxismo de Bachelard. Sem aprofundar aqui, basta ler as críticas, às vezes acerbas, que lhe reservaram Dominique Lecourt ou Michel Vadee para se convencer disso. Poder-se-ia também se perguntar o que Bachelard tinha realmente lido de Marx, e como ele pensava nas relações entre o marxismo de Marx e aquele da sua descendência leninista. Enfim, será que ele sentiu no marxismo político uma zona de dogmatismo potencialmente perigoso? Esses pontos ficam, ao meu conhecimento, relativamente pouco claros por enquanto. Em todo o caso, o Bachelard da “*Poética do Devaneio*” não deve muita coisa a Marx: isso é uma certeza.

A. G.: Se lê Bachelard mais no Brasil do que na França?

J. L.: Sua questão me alegra e me interessa. Você sabe que santos de casa não fazem milagres. A esfera intelectual na França foi muito marcada pela influência marxista (você conhece a palavra de Sartre) e Bachelard podia passar por renegado. Correlativamente, seu “apolitismo” teórico podia parecer suspeito, mesmo caso se afirme muitas vezes para nós que Althusser e Foucault recorreram a ele. Além disso, os professores de filosofia na França estão freqüentemente distantes, até condescendentes, em relação a sua obra. A parte “poética” não é sempre levada a sério, enquanto que ela é, sem nenhuma dúvida, a mais genial, a mais inclassificável. Ele é criticado por não ter fundado uma ontologia, por ter escamoteado a questão da ética, por ter anexado sem rigor à fenomenologia (no entanto, claro, Bachelard tem também na França seus defensores e seus leitores apaixonados). Por que ele é mais lido no Brasil? É você que deveria me responder. Porém, parece-me – mas estou avançando num terreno que eu conheço mal – que a cultura brasileira é mais aberta ao desenvolvimento do imaginário, às interferências da razão e da imaginação, aos impulsos do devaneio em relação a um mundo cósmico considerado tão importante, e talvez mais, que o mundo social e político. Enfim, é possível que a separação universitária entre a filosofia e a literatura seja menos marcada no Brasil que na França. A história das idéias e de suas influências parece às vezes uma roda da fortuna. Os filósofos têm também os seus momentos de altos e baixos.